

## IDENTIDADE E TRABALHO: MULHERES EM UM CONTEXTO DE PANDEMIA E *HOME OFFICE*

Alice Vazarin Perez<sup>1</sup>, Heloíse Reis Ventura<sup>2</sup>, Julia Montezini da Silva<sup>3</sup>, Maria Eduarda Souza Martins<sup>4</sup> e João Barros<sup>5</sup>

**Resumo:** Nosso objetivo nesse texto é apresentar, no primeiro tópico, a questão do trabalho como um fator determinante na construção da identidade dos indivíduos, especialmente das mulheres. Trataremos, então, sobre como se dá o processo de construção da identidade e a sua relação com o trabalho através das perspectivas de Stuart Hall, dos culturalistas e do marxismo. Para ilustrar nosso argumento, no segundo tópico, será abordado como essa relação afeta as mulheres, uma vez que elas se somam às múltiplas identidades assumidas pelo feminino e, ao final, será tratado como essas múltiplas identidades foram afetadas pela pandemia, e principalmente, pelo home office.

**Palavras chave:** identidade; trabalho; mulher; pandemia; home-office

## IDENTIDAD Y TRABAJO: MUJERES EN CONTEXTO DE PANDEMIA Y *HOME OFFICE*

**Resumen:** Nuestro objetivo en este texto es presentar, en primer tema, la cuestión del trabajo como un factor determinante en la construcción de la identidad de los individuos, especialmente en las mujeres. Hablaremos sobre como ocurrió el proceso de construcción de la identidad y su relación con el trabajo mediante las perspectivas de Stuart Hall, de los culturalistas y del marxismo. Para poner en enfoque nuestro argumento, como segundo tema, será abordado como esta relación afecta a las mujeres, puesto que ella se suma a las múltiples identidades asumidas por el femenino y, al final, será tratado como las múltiples identidades fueron afectadas por la pandemia, principalmente por el *home office*.

**Palabras clave:** identidad, trabajo, mujer, pandemia, *home office*.

## IDENTITY AND LABOR: WOMEN IN A PANDEMIC AND HOME OFFICE CONTEXT

**Abstract:** Our goal in this text is to present, in the first topic, the issue of labor as a determining factor in the construction of the individuals' identity, especially women. We will then deal with the process of identity construction and its relation with labour through the perspectives of Stuart Hall, the culturalists and Marxism. To illustrate our argument, in the second topic, it will be addressed how this relation affects women, since it is added to the multiple identities assumed by the feminine and, in the end, we will discuss how these multiple identities were affected by the pandemic, mainly by the home office.

**Keywords:** identity, labor, woman, pandemic, home office.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Relações Internacionais e Integração da UNILA.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Relações Internacionais e Integração da UNILA.

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Relações Internacionais e Integração da UNILA.

<sup>4</sup> Graduanda do curso de Relações Internacionais e Integração da UNILA.

<sup>5</sup> Professor associado e membro do PPGICAL-UNILA. Doutor em Filosofia pela UNISINOS (2012). Doutor em Ciências Sociais pela UBA (CONICET/2013).

## **Introdução**

Temos como objetivo discorrer sobre o descentramento do sujeito e a criação da identidade através do trabalho para a mulher na pandemia, desse modo, nosso intuito é, mais especificamente, pensar sobre como a divisão sexual do trabalho atuou, e ainda atua, de maneira exploratória as mulheres, uma vez que, estando em seus contextos familiares enquanto trabalha suas múltiplas identidades se juntam. Assim, iniciaremos tratando dos conceitos de construção e desconstrução da identidade através da perspectiva de Stuart Hall. Aliado a isso, exporemos a pressão ligada à formação dessa identidade e à falta de separação entre a vida pessoal e profissional.

Daremos continuidade apresentando a relação existente entre identidade e trabalho através do marxismo e de contribuições da Indústria Cultural sobre como o trabalho se mostra eficiente na criação identitária e, ao mesmo tempo, surge cada vez mais precarizado. Junto a isso, abordaremos, na segunda metade do artigo, a questão da mulher e suas múltiplas identidades, questão essa ligada ao desenvolvimento histórico da mulher no trabalho. Nesta perspectiva, procuraremos problematizar o acúmulo de tarefas gerado pela dupla ou tripla jornada feminina, resultando em sobrecarga e pressão para as mulheres em todas as esferas.

Por fim, essas múltiplas identidades, no momento da pandemia que se estabelece, no ambiente profissional, os trabalhos remotos - chamados *home office* -, se juntam à questão psicológica e à mulher, que já sofre com maiores demandas que o homem entra em um processo de exaustão. Entretanto, a pandemia não apenas possui pontos negativos, como também apresenta uma junção das múltiplas identidades da mulher evidenciando os contrastes entre a carreira profissional e a vida familiar.

### **1. Construção da identidade e do trabalho**

Para iniciarmos esse tópico, faremos uma explicação a respeito do conceito de identidade, partindo do pressuposto de que as concepções acerca do sujeito e de sua identidade estão em constante transformação. Dessa forma, perceberemos que com o decorrer da história da humanidade no Ocidente, a identidade dos sujeitos foram

sendo fragmentadas para que se adequassem às novas necessidades e possibilidades trazidas pelo contexto da Modernidade. Ademais, veremos como o conceito de identidade e o de trabalho, inegavelmente, caminham juntos na construção e na percepção da subjetividade dos indivíduos<sup>6</sup>. Levaremos em consideração o fato de que na contemporaneidade se torna ainda mais difícil estabelecer um limite perceptível para a separação da vida pessoal e ao que se refere às atividades laborais.

Veremos, após isso, como a questão da identidade está diretamente ligada à sociedade, principalmente quando se diz respeito à cultura. Além disso, será possível analisar, através da perspectiva marxista, a relação entre essa identidade criada através da cultura e o trabalho, uma vez que a ideia do trabalho como edificador está enraizado na sociedade capitalista moderna. Com isso, será fácil de perceber, posteriormente, quais as consequências dessa questão para a mulher, uma vez que ela sofre com a pressão do trabalho e da vida doméstica.

A construção das identidades, do ponto de vista culturalista, é um processo contínuo decorrente das mudanças de enfoque que ocorrem tanto nos pensamentos quanto nos discursos de cada período, sendo responsáveis por marcar significativamente as concepções acerca do sujeito. Inicialmente, traremos a perspectiva de Descartes a respeito da existência do sujeito distanciado do divino e, conseqüentemente, da construção de sua própria subjetividade.

René Descartes, em *Meditações Metafísicas* (2009), busca apontar as razões pelas quais a consciência da existência de um sujeito, individual e pensante, implica diretamente nas percepções acerca dos elementos que compõem o mundo e da própria divindade. Em um contexto no qual grande parte das contribuições intelectuais anteriores realizadas no período da Idade Média consideravam que a existência do indivíduo decorria, única e exclusivamente, de Deus, em contrapartida, Descartes elucida que a comprovação da existência do indivíduo parte do entendimento de que este é um ser pensante. Portanto, tudo aquilo que está para além de sua própria existência é verificado por sua capacidade de conceber e duvidar do que se conhece:

---

<sup>6</sup> Ler Biopolítica no Brasil (BARROS, 2022).

Não há por acaso algum Deus ou alguma outra potência que introduza em meu espírito esses pensamentos? [...] De modo que, depois de ter pensado bem e examinado tudo cuidadosamente, deve concluir-se e ter por estabelecido que esta proposição: *eu sou, eu existo*, é necessariamente verdadeira, todas as vezes que a pronuncio ou que a concebo em meu espírito (DESCARTES, 2009, p. 48; 19 - grifo nosso)<sup>7</sup>.

Nesse sentido, ao trazer o indivíduo para o centro das discussões ao passo que o distancia da divindade, reforça a ideia de que o sujeito de conhecimento é suficientemente capaz de construir sua própria subjetividade e identidade a partir das dúvidas em relação ao mundo. Assim, a concepção de que a identidade antes definida pela aproximação e relação com Deus fica em segundo plano, visto que a existência desta divindade está condicionada ao pensamento, questionamento e reconhecimento pelo próprio indivíduo.

Segundo Stuart Hall (2011), o nascimento do “indivíduo soberano” foi a chave necessária para colocar o curso da Modernidade em movimento, sendo precursor do individualismo. Como resultado trouxe o indivíduo para o centro de todas as questões e rompeu com a antiga tradição de que as ordens divinas predominavam em relação a qualquer outro fator ou sentimento. Os eventos como a Reforma Protestante, o Humanismo Renascentista e as Revoluções Científicas trouxeram novas maneiras de se pensar e de se comportar na sociedade. Logo, foram cruciais para a consolidação da centralização do sujeito, fazendo com que esse indivíduo fosse considerado indivisível, racional e consciente de sua própria atuação.

Porém, com o decorrer do tempo, as mudanças sociais proporcionaram o surgimento de novas necessidades a serem atendidas à medida que as sociedades se desenvolviam e se complexificavam, refletindo diretamente na forma em que os sujeitos eram interpretados. Assim, o indivíduo que anteriormente se encontrava no centro das questões tratadas em seu tempo, tornou-se apenas mais um dos elementos que compunham esse cenário de constantes transformações. “O cidadão individual tornou-se enredado nas maquinarias burocráticas e administrativas do Estado moderno” (HALL, 2011, p. 30). Ou seja, conforme as relações coletivas apresentavam-se mais relevantes e impactantes socialmente do que as individuais, a

---

<sup>7</sup> Esta referência está composta da paginação da tradução, seguida da paginação do original.

identidade do indivíduo precisou enfrentar um processo de fragmentação para adequar-se a essa nova realidade. Em tal circunstância o sujeito passou a ser visto como apenas uma das peças fundamentais para a sustentação das estruturas da sociedade moderna.

Entende-se, então, que esse processo de fragmentação da identidade do sujeito acentua-se cada vez mais no contexto da contemporaneidade. A cada mudança cultural que incide sobre a sociedade faz-se necessário que o papel do indivíduo seja rapidamente reinventado e ressignificado, com o intuito de acompanhar e atender às demandas culturais do momento, que são trazidas em grande parte pelas mídias, pela globalização e pela tecnologia.

Diferentemente da perspectiva de identidade presente na Modernidade, que levava o indivíduo a refletir e encontrar-se em si mesmo, o que está proposto na pós-modernidade é uma visão que associa a identidade do sujeito às atribuições externas, aos interesses midiáticos e às exigências capitalistas. Dessa forma, a identidade pós-moderna é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2005, p. 13). Assim, a reordenação dos elementos que contribuem, direta ou indiretamente, para construção das subjetividades exerce profunda influência sobre a forma como os indivíduos se enxergam no mundo, tendo como consequência o não reconhecimento como sujeitos integrais.

Diante desse panorama de intensas transformações das formas de organização das sociedades, o trabalho é um dos únicos elementos que tem estado presente na história da humanidade<sup>8</sup>. Desde o seu surgimento, quando servia apenas para o atendimento de necessidades básicas, até com o passar do tempo, quando recebeu uma conotação econômica. Dessa forma, infere-se que a construção da identidade e o trabalho caminham juntos, a partir do momento em que o trabalho é reconhecido

---

<sup>8</sup> Para um aprofundamento sobre essa modificação, sugerimos o texto de Maria Elizabeth Antunes Lima intitulado “Trabalho e Identidade: uma reflexão à luz sobre a centralidade do trabalho na sociedade contemporânea” (2007).

como um fenômeno fundamental do ciclo vital do homem e que suas dimensões estendem-se por grande parte da vida das pessoas.

Ao que diz respeito às mudanças sofridas em relação ao trabalho e suas características na era do capitalismo flexível, Sennett argumenta que

No capitalismo flexível, a desorientação envolvida no marchar para a incerteza, para os tais buracos estruturais, se dá de três formas específicas: por 'mudanças laterais ambíguas', 'perdas retrospectivas' ou resultados salariais imprevisíveis (SENNETT, 2005, p. 82).

É possível, assim, entender através da análise do autor que, uma das características marcantes do capitalismo contemporâneo é a incerteza, muito ligada pela flexibilidade e pela imprevisibilidade salarial, que se destrincha na falta de especificidade do trabalhador, temporariedade do cargo e resultando na dificuldade de se identificar por meio do labor. Esse tipo de trabalho carrega consigo a ideia de que os trabalhadores poderão alcançar alguma liberdade individual no âmbito laboral. Logo, é responsável por criar uma condição favorável para produzir novas formas de poder e de controle. Sua obra desmistifica a ilusão de que essas novas formas de trabalho concedem aos trabalhadores autonomia suficiente para organizar seu tempo, ao demonstrar que essas relações produtivas rompem com o limite existente entre vida pessoal e vida profissional. Podemos perceber, então, que ao que diz respeito às novas lógicas produtivas adotadas pelo capitalismo existe uma tentativa de estabelecer uma relação de dependência entre trabalhador e trabalho. Tal aplicação é pensada para que seja capaz de manter o trabalhador integralmente ligado a suas tarefas profissionais, mesmo que tenha uma suposta autonomia pelo fato de executá-las dentro de sua própria residência.

Portanto, essas relações implicam diretamente nos processos de identificação dos indivíduos, levando em consideração a forma como esse tipo de trabalho consome o tempo livre do sujeito e transforma o seu ambiente doméstico em uma extensão de seus serviços. Por fim, é notável como essa lógica confunde as possibilidades de desenvolvimento pessoal com as de identificação no âmbito profissional.

Segundo os teóricos culturalistas Guareschi, Medeiros & Bruschi; Hall; Silva e Woodward (COUTINHO *et al.*, 2007), a cultura traz a compreensão de identidade

como algo múltiplo, na qual se afirma uma identidade coletiva e não uma questão individual. O fato de que toda a sociedade estar inserida e sofrendo a influência direta de um projeto cultural, através das maneiras mais diversas, leva à coletivização da identidade. Conseqüentemente, essa coletivização destitui o caráter individual e central da identidade do indivíduo. Os processos de subjetivação, foco dos estudos culturalistas, têm como resultado o contrário do esperado, ou seja, a subjetivação acaba gerando o agrupamento.

Assim, se faz necessário pensar na maneira como esse corpo social unido se vê de forma unitária, e como isso se dá pelo trabalho. Antes, é possível entender o sentir individual como a necessidade de se afirmar como um só para si, pois mesmo com essa questão, ao se analisar a sociedade em um todo, o coletivo domina. Entretanto, o trabalho se mostra como um grande formador e modificador da identidade individual, como mostrado em:

Conceber a atividade de trabalho dos sujeitos como constituinte da sua identidade social implica reconhecer, portanto, a relação de mútua determinação entre trabalho e identidade e, conseqüentemente, a constituição de uma identidade profissional (COUTINHO *et al.*, 2007, p. 34).

Com isso, entende-se que a identidade junto ao trabalho forma uma nova característica de si mesma, a identidade laboral ou identidade profissional. O trabalho, como apresentado neste trecho, é colocado como mecanismo de formação da identidade e da individualidade. Todavia, essa perspectiva é acompanhada de inúmeras críticas, no qual a principal se apresenta como a crítica marxista do trabalho. O trabalho, discutido por Marx e, posteriormente, pelas correntes teóricas inspiradas por ele, em vez de ter um papel de moralizar o ser humano, objetifica a sua vida. Isso se dá pois o trabalho, em sua maioria, está diretamente ligado ao esforço braçal e não incentiva a obtenção de conhecimento:

O objeto do trabalho é, portanto, a objetivação da vida genérica do homem: pois este não se espelha a si mesmo somente de modo intelectual, como na consciência, mas também ativamente, realmente, contemplando-se em um mundo que ele mesmo criou [...] (MARX, 2004, p. 85).

Entende-se, então, que o trabalho para Marx, nas sociedades modernas modificam a forma de ser da classe trabalhadora e essa modificação está ligada à fragmentação da subjetividade individual. Consequentemente, gera a ideia de o indivíduo ser o que ele faz, no sentido de sua identidade se relacionar diretamente com o trabalho executado por ele. A partir dessa ideia, pode-se pensar no valor do trabalho, uma vez que as mudanças produtivas afetam de maneira direta a forma com que o proletariado se apresenta socialmente. Tal compreensão pode ser encontrada também em Maria Lima: “Embora a ação humana não se restrinja ao trabalho, este passou a ser concebido, a partir da perspectiva aberta por Marx, como o mediador por excelência entre o homem e a natureza” (LIMA, 2007, p. 06).

Nesse ponto, torna-se necessário, entender como a construção da identidade através do trabalho auxilia na precarização e na vulnerabilidade dos trabalhadores. Em especial, nosso foco estará sobre as mulheres, que já, previamente, sofrem dentro do mercado de trabalho, pois apresentam uma fragmentação em sua identidade e são mais vulneráveis. O trabalho é, de modo geral, um criador de riquezas. Mediante isso, seu exercício, ao longo do tempo, foi sendo relacionado ao poder com a análise de algumas correntes críticas. É possível compreender, então, que a precarização das formas de trabalho afetam na construção, na identificação e na superação das identidades laborais dentro da própria classe trabalhadora. Isso geraria um conjunto de indivíduos genéricos alienados de sua identidade, tal como apresentado anteriormente pela citação de Marx.

Além disso, Silvia Federici (2018) expõe a que modo os escritos de Marx relaciona a identidade feminina com a exploração capitalista, uma vez que, denuncia a exploração das mulheres obreiras nas fábricas e, ademais, trabalha a propriedade privada e o corpo feminino, colocando a identidade das mulheres, mesmo quando não se relaciona diretamente ao trabalho, como uma apropriação de seu espaço.

Por via de finalização do tópico, torna-se necessário pontuar a dimensão que essa questão relacionada a precarização do trabalho, como citado anteriormente, e a instauração de um indivíduo laboral tem para a mulher, uma vez que as mulheres sofrem com uma jornada dupla, muitas vezes até tripla de trabalho. Além disso, é



preciso compreender que a mulher além de ter sua identidade definida pelo trabalho, sofre também com os parâmetros da sociedade patriarcal, relacionando sua identidade à atividade materna. Devido a importância do debate, essa questão será abordada com mais profundidade no próximo tópico.

## **2. Como o trabalho ressignifica a identidade de mulheres**

Ao discorrer sobre este tópico é possível observar que a história coloca em perspectiva a clara separação entre domínio público e privado na sociedade. A essa separação estava relacionada a divisão sexual do trabalho e a identidade feminina. Nesse sentido, os homens eram pertencentes ao âmbito público, uma vez que atuavam, frequentemente, como provedores da família. Já as mulheres pertenciam ao meio privado, visando cuidar do ambiente doméstico e dos filhos, como contrapartida ao sustento financeiro do marido. Dessa forma, a divisão sexual do trabalho nasce na forma de um conceito que expõe as relações sociais entre os sexos. Conseqüentemente, designa o trabalho produtivo aos homens e atribui os trabalhos reprodutivos às mulheres, condicionando um sistema de hierarquias, valores e desigualdade com base nessa estrutura (HIRATA & KERGOAT, 2007, p. 29).

Em consonância a esta organização social, a mulher assume na sociedade ocidental as identidades de mãe, esposa e dona de casa visando a manutenção do lar. A responsabilidade pelas tarefas domésticas e de cuidado frequentemente recaem majoritariamente sobre a mulher, visto que a divisão sexual do trabalho impõe o trabalho reprodutivo ao gênero feminino. Assim sendo, a mulher é incumbida de educar os filhos, zelar pela relação conjugal e gerenciar as demais atividades domésticas, gerando uma sobreposição de identidades em um mesmo ambiente.

No entanto, Mary Wollstonecraft<sup>9</sup> rompe com o discurso patriarcal ao defender a educação e oportunidades iguais para homens e mulheres. Criticando Rousseau que, segundo ela, projetou uma educação da mulher para o simples conformismo

---

<sup>9</sup> Mary Wollstonecraft foi uma escritora britânica, teórica e ativista pela causa feminina do final do século XVIII. Sua obra mais célebre, *Uma Reivindicação pelos Direitos das Mulheres* (1795), traz uma reflexão conhecida como proto-feminismo, uma vez que foi umas das primeiras obras a teorizar a questão do direito das mulheres.

tornando-a “o membro mais inútil da sociedade”, Mary traz ideias que repercutiram no pensamento feminista do século XX:

Rousseau declara que a mulher nunca deveria, por nenhum momento, sentir-se independente, mas que deveria ser governada pelo medo de exercer sua astúcia natural e fazer dela uma escrava a fim de torná-la um objeto de desejo mais atraente, uma companheira mais doce para o homem, sempre que ele decidir relaxar-se (WOLLSTONECRAFT, 1996, p. 25).

Apesar dos esforços e de pensamentos parecidos com os de Mary Wollstonecraft, as mudanças na condição das mulheres não ocorreram de imediato. Durante um considerável tempo, as mulheres eram limitadas a continuar somente no espaço privado, de acordo com atribuições sociais. Todavia, com as transformações no campo socioeconômico, em conjunto com as revoluções culturais e a potência do movimento feminista no século XX, novas organizações começaram a surgir, enfraquecendo a divisão entre público e privado e os modelos associados de homem provedor e mulher cuidadora.

Neste contexto de luta feminista, as mulheres conseguiram acesso a novos direitos, como ao voto, à educação e ao ingresso no mercado de trabalho<sup>10</sup>. Com isso, somou-se às tradicionais identidades femininas de mãe, esposa e dona de casa a identidade profissional. A partir desse momento, a atuação da mulher se expande para além do âmbito doméstico, dando-lhes novas responsabilidades e um outro espaço de inserção na sociedade capitalista. Não obstante, estes vieram acompanhados por uma nova forma de vulnerabilização da mulher.

Fazendo uma pequena digressão, vale ressaltar que o corpo feminizado vai muito além da mulher cis branca. A luta do movimento feminista se expande para pensar sobre outros corpos vulnerabilizados e escondidos da sociedade e que, no contexto de pensar a sociedade atual pode-se remeter, por exemplo, à luta trans e a

---

<sup>10</sup> É importante destacar que, neste momento, o movimento feminista pleiteava pelo ingresso no mercado de trabalho para as mulheres brancas de classes sociais mais altas enquanto desconsiderava o fato de que, há anos, mulheres negras se dedicavam a trabalhos exaustivos dentro e fora de casa em troca de baixos salários. Neste sentido, não se tratava de uma luta inclusiva e interseccional. Para saber mais sobre, ler *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* (HOOKS, 2018) e *Mulheres, raça e classe* (DAVIS, 2016).

luta travesti e em seu reconhecimento como mulher<sup>11</sup>. Butler (2007, p. 152) argumenta que se faz necessário evitar um “marco heterossexista binário que fixa os gêneros como masculino e feminino” na tentativa de empreender uma crítica de gênero e de viabilizar os corpos estigmatizados.

Voltando a nossa linha de argumentação inicial, como demonstrado na obra de Mary del Priore, *História das mulheres no Brasil* (2004), no início do século XX as mulheres representavam a maioria dos trabalhadores fabris brasileiros e, para as de classe social mais alta, a obtenção de um diploma já era uma possibilidade. Entretanto, o trabalho feminino era constantemente visto com receio ou até como uma ameaça, pois retiraria a mulher da esfera privada e, conseqüentemente, influenciaria em seus trabalhos reprodutivos. Mesmo entre pensadores e pensadoras feministas havia a reafirmação do valor e da importância da preservação da família, que continuava delegada às mulheres.

Dessa forma, as mulheres aumentaram a participação no mercado de trabalho (mundo produtivo), porém os homens não se aproximaram dos afazeres domésticos de forma concomitante. Sem a revisão da acumulação de responsabilidades privadas femininas, o âmbito das tarefas domésticas, assim como da educação e do cuidado com os filhos, permanece obrigação da mulher (SOUSA; GUEDES, 2016, p. 123). Além disso, muitas delas também se tornam responsáveis pela provisão financeira das famílias enquanto levam praticamente sozinhas as atividades do espaço privado, de maneira que as incumbências femininas com o lar se tornam ainda maiores.

Dados do governo brasileiro de 2022 mostram que 82,5% das famílias brasileiras beneficiadas pelo Auxílio Brasil são chefiadas por mulheres, totalizando 16,6 milhões de lares que estão sob responsabilidade feminina e se encontram em dificuldade financeira (S.I., 2022). A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) de setembro de 2022, feita pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), mostrou que, no intervalo de um ano, a proporção de mulheres endividadas aumentou de 75,0 para 80,9, em contraste com

---

<sup>11</sup> Para uma leitura mais aprofundada sobre as múltiplas identidades e gênero que abarcam essa questão, indicamos “El Género en Disputa” de Judith Butler (2007).

o aumento de +5,1 p.p. para os homens (CNC, 2022). Tais informações podem ser interpretadas como reflexos das dificuldades enfrentadas pelas mulheres chefes de famílias na gestão de seus lares.

Assim, as mulheres assumem várias identidades que englobam suas participações em diferentes esferas como carreira profissional, organização da casa e cuidado com os filhos, exercendo uma tripla jornada. Essa realidade cria o conflito trabalho-família, definido como “um conjunto de pressões que ocorrem quando, ao se desempenhar os papéis profissional e pessoal, o atendimento a um papel torna difícil a conformidade com o outro” (LEMOS *et al.*, 2020, p. 390). Logo, as mulheres estão constantemente organizando seus objetivos de forma a compensar o tempo que passam longe da família ao se dedicarem à atividade profissional, muitas vezes deixando de lado a dedicação a si mesmas e a seus objetivos individuais.

A conciliação entre vida profissional e familiar resulta na preocupação das mulheres, gerando um esgotamento não somente físico, mas também mental. Precisa-se levar em consideração que a incumbência do cuidado com os filhos é amparada por crenças, valores e percepções culturais, interiorizados por meio das relações sociais primárias da criança e da família, contexto no qual se dá o treinamento de papéis e a socialização intencional (CHODOROW, 1978, p. 76). Portanto, é provocado um sentimento de culpa duradouro nas mulheres caso não tenham o desempenho esperado pela sociedade em suas vidas familiares. Com isso, uma sobrecarga é gerada, fazendo com que a mulher realize diversos papéis sociais sem excluir nenhum deles.

O conflito trabalho-família, marcado por tal desigualdade e acumulação de tarefas, ficou mais flagrante durante o período de pandemia de Covid-19 e isolamento social, quando o trabalho *home office* foi amplamente utilizado. Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre um significativo número de casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na China, causados por um novo tipo de coronavírus. Essa cepa, posteriormente nomeada SARS-Cov-2, é responsável por causar a COVID-19, caracterizada pela OMS como uma pandemia no dia 11 de março de 2020 (OPAS, 2020). Em resposta, o Ministério da Saúde do Brasil

e os Estados brasileiros adotaram medidas para combater o vírus no país, entre elas, o trabalho na modalidade *home office*.

Nesse cenário, o dever das mulheres quanto ao trabalho doméstico não remunerado acarreta a menor disponibilidade de tempo e disposição ao mercado de trabalho. A exigência do aumento de produtividade e metas cada vez mais complexas colaboram para a dificuldade da mulher de se manter no mundo do trabalho remunerado. Segundo Ferreira e Rodrigues (2021, p. 119), “o *home office* consiste em um labor realizado em domicílio, por meio de plataformas digitais e eletroeletrônicos que possibilitem seu exercício virtualmente”. Com o *home office*, as mulheres enfrentam mais obstáculos para conciliar suas identidades devido à expectativa do empregador de que o empregado (sem necessidade de se deslocar) teria mais condições de atender e cumprir as demandas (FERREIRA & RODRIGUES, 2021, p. 123).

Em razão disso, a dupla ou tripla jornada feminina causa um acúmulo de tarefas entre a carreira profissional e a vida familiar que é dificultada pela divisão sexual do trabalho enraizada na sociedade. A exaustão da mulher é a representação da limitação de suas identidades, pois ao alcançar realização em uma esfera, perde em outra (SOUSA & GUEDES, 2016, p. 125). Ainda assim, a mulher continua a exercer seus vários papéis por efeito da demanda cultural e econômica pela qual se tornou responsável ao longo da história. Conseqüentemente, a pandemia de Covid-19, ao juntar a dimensão pública e privada da mulher no mesmo ambiente, deixa clara essa condição.

Essa configuração do trabalho, especialmente no contexto da pandemia, impactou diretamente as mulheres ao agrupar em um único ambiente – o lar – as diferentes identidades assumidas por elas: mãe, esposa, dona de casa, profissional. O “deslocamento do trabalho para dentro de casa, da montagem de escritórios em quartos, salas ou cozinhas, lugar de onde iremos produzir, receber colegas, alunos, professores, mas também amigos e familiares” provocou uma quebra acentuada das fronteiras entre o pessoal e o profissional, fator gerador de desconforto (CASTRO *et*

*al.*, 2020, p. 53). No tocante às mulheres, isso significa uma mescla ainda mais visível entre as diferentes identidades assumidas por elas.

As medidas de isolamento social modificaram completamente as rotinas familiares, mas não a posição das mulheres dentro da divisão sexual do trabalho, mantendo-as responsáveis pelas tarefas de limpeza e cuidado para além de suas atividades profissionais. Segundo pesquisa de Fares *et al.* (2021, p. 62-63), tanto homens quanto mulheres que estiveram sob algum regime de trabalho remoto declararam um aumento no trabalho doméstico durante a pandemia, entretanto, a quantidade de tempo dedicada a ele foi desproporcional entre os gêneros. Em consonância, uma pesquisa realizada por Thays Monticelli sobre experiências femininas no período de isolamento demonstrou que a desigualdade de gênero passou a ser ainda mais vivenciada nos lares: menos da metade das entrevistadas relataram haver uma divisão satisfatória das tarefas domésticas com seus companheiros e/ou filhos adolescentes (MONTICELLI, 2021, p. 90).

Ademais, com as creches e escolas fechadas, as mães se tornaram responsáveis também pela educação de seus filhos. Na maior parte dos lares, são elas que auxiliam os filhos com o acompanhamento das aulas on-line e a realização das atividades escolares, além do cuidado com a saúde mental dessas crianças e adolescentes frente ao isolamento social e ao ensino remoto. Essas responsabilidades, somadas às domésticas e profissionais, mostram-se demasiadamente cansativas e angustiantes para as mães.

As mulheres entrevistadas por Monticelli na pesquisa acima mencionada relataram piora em “suas saúdes físicas, mentais, seus momentos de lazer com a família, a relação conjugal e a vida sexual, proporcionalmente nessa sequência” (MONTICELLI, 2021, p. 92). É possível perceber, assim, que o cansaço causado pelo exercício simultâneo das diferentes funções atreladas às identidades femininas influencia diretamente na qualidade de vida dessas mulheres e esses impactos foram sentidos com frequência e intensidade durante a pandemia do Covid-19.

Por outro lado, mulheres participantes de uma pesquisa realizada por Lemos, Barbosa e Monzato relataram sentir satisfação quanto à oportunidade de estarem mais

próximas de suas famílias, ainda que esta venha acompanhada de um aumento na carga de trabalho. Analisando o perfil das entrevistadas que encontraram esse lado positivo do *home office*, as autoras chegaram à conclusão que a valorização da combinação entre flexibilidade de horários e proximidade da família veio de mulheres inseridas em contextos de equilíbrio entre vida familiar e trabalho (LEMOS *et al.*, 2020, p. 397). Essa descoberta está em concordância com a literatura sobre o conflito trabalho-família, que demonstra a importância de um sistema de apoio para reduzir os efeitos de excessivas cargas de trabalho (PLUUT *et al.*, 2018).

Desta maneira, torna-se evidente que a pandemia e o isolamento social causaram impactos significativos no gerenciamento das diferentes identidades assumidas pelas mulheres, assim como no esforço feito por estas para exercer satisfatoriamente todos os papéis que lhes são entregues. Além disso, é possível notar que a divisão sexual do trabalho segue sendo uma realidade intrínseca às dinâmicas familiares, especialmente durante o recorte temporal da pandemia, que acentuou desigualdades já existentes.

### **Considerações finais**

Através da análise da experiência de ser mulher junto à identidade do trabalho, foi possível verificar a relação estabelecida entre o descentramento do sujeito e o trabalho como um formador da identidade, em uma perspectiva genérica e objetiva. Para isso, construímos, por meio da perspectiva de Stuart Hall, a trajetória da construção identitária do sujeito e como o trabalho desempenha um papel primordial, visto que, faz parte do ciclo vital do indivíduo.

Em corroboração, apresentamos a questão atrelada ao trabalho desenvolvida por Marx e os marxistas, na qual expõe o trabalho como um objeto com o objetivo de tornar a vida do homem genérica, isto é, manter os indivíduos pariformes. Como um afunilamento e uma exemplificação em nossa análise apresentamos a ressignificação da identidade de ser mulher.

Para tanto, voltamos nossa atenção para a história do trabalho feminino e a divisão sexual do trabalho que delegou às mulheres os trabalhos reprodutivos enquanto os homens se mantiveram fora do ambiente familiar. Com a mudança do

cenário socioeconômico e a entrada da mulher no mundo profissional as tarefas voltadas ao lar não foram divididas e, com isso, as mulheres começaram a acumular funções e, conseqüentemente, diferentes identidades. Enfatizando, dessa maneira, a desigualdade de gênero.

Por sua vez, o amontoado de identidades gera sobrecarga física e emocional ao feminino, efeito relacionado ao conflito trabalho-família. Em decorrência da pandemia, o isolamento social e o *home office* ocasionaram o agrupamento das diferentes identidades em um único ambiente, o lar. Por um lado, essa configuração agravou as questões do conflito trabalho-família e por outro aproximou as mulheres de suas famílias, questão que foi encarada de forma dual. Desse modo, conclui-se que não há uma separação concreta entre a identidade pessoal e a identidade profissional e essa realidade está atrelada à divisão sexual do trabalho, entretanto, gera sobrecarga e pressão em todos os ambientes que perpassam a mulher.

### **Referências bibliográficas**

Butler, J. (2007). **El género en disputa: El feminismo y la subversión de la identidad**. Trad. M. A. Mufloz. Paidós.

CASTRO, Thiele da Costa Müller et al. (2020). Em tempos de Coronavírus: home office e o trabalho feminino. **Novos Rumos Sociológicos**, v. 8, n. 14, p. 40-64, ago/dez. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/NORUS/article/view/20017>. Acesso em: 28 ago. 2021

CHODOROW, Nancy. (1979). **The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender**. California: University of California Press.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO (CNC). (2022). **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) – setembro de 2022**. Disponível em: <https://www.portaldocomercio.org.br/publicacoes/pesquisa-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consumidor-peic-setembro-de-2022/443753>. Acesso em: 04 de novembro de 2022.

COUTINHO, Maria Chalfin *et al.* (2007). Identidade e trabalho na contemporaneidade: Repensando articulações possíveis. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 1, n. 19, p. 29-37.



DAVIS, Angela. (2016). **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo.

DEL PRIORE, Mary. (2004). **História das Mulheres no Brasil**. 7ª ed. São Paulo: Contexto.

DESCARTES, René. (2009). **Meditaciones metafísicas**. Trad. Pablo Pavesi. Buenos Aires: Prometeo Libros.

FARES, Lygia Sabbag *et al.* (2011). Gênero, trabalho remoto e trabalho reprodutivo não remunerado no Brasil durante a pandemia de Covid-19. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/bmt72/nt2>

Federici, S. (2018). **El patriarcado del salario. Críticas feministas al marxismo**. Trad. M. a A. C. Altuna, C. F. Guervós, & P. M. Ponz.

FERREIRA, Vanessa Rocha; RODRIGUES, Kaio do Nascimento. (2021). Os impactos psicossociais da utilização do teletrabalho durante a pandemia no trabalho da mulher. **REVISTA DIREITOS, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL**, [S. l.], v. 7, n. 12, p. 113-136.

HALL, Stuart. (2005). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. (2007). A atualidade da divisão sexual e centralidade do trabalho das mulheres. **Revista de Ciências Sociais – Política & Trabalho**, v. 1, n. 53, p. 22-34.

HOOKS, bell. (2018). **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

LEMOS, Ana Heloísa da Costa *et al.* (2020). Mulheres em *home office* durante a pandemia da COVID-19 e as configurações do conflito trabalho-família [Versão original]. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 60, n. 6, p. 388-399, nov./dez.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes. (2007). Trabalho e identidade: uma reflexão à luz do debate sobre a centralidade do trabalho na sociedade contemporânea. **Educ. Tecnol.**, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, p. 05-09.

MARX, Karl. (2004) **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Boitempo: São Paulo. Tradução e notas: Jesus Renieri.

MONTICELLI, Thays. (2021). Divisão sexual do trabalho, classe e pandemia: novas percepções?. **Sociedade e Estado**, v. 36, n. 01, p. 83-107. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/35804>. Acesso em: 29 ago. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). (s.d.) **Histórico da pandemia de COVID-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 11 set. 2021.

PLUUT, Helen *et al.* (2018). Social support at work and at home: Dual-buffering effects in the work-family conflict process. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, v. 146, p. 1-13. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0749597816302394?via%3Dihub>. Acesso em: 11 set. 2021.

S.I. (2022) **82,5% das famílias beneficiadas pelo Auxílio Brasil são chefiadas por mulheres**. Atualizada em 31 out. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2022/agosto/82-5-das-familias-beneficiadas-pelo-auxilio-brasil-sao-chefiadas-por-mulheres>. Acesso em: 04 nov. 2022.

SENNETT, Richard. (2005). **A corrosão do caráter – consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record.

SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha. (2016). A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados** 87. v. 30, n. 87, p. 123–139.

WOLLSTONECRAFT, Mary. (1996). **A Vindication of the Rights of Woman**. Mineola: New York: Dover Publications Inc.